
Nostalgia e cultura pop – convite a uma viagem ao tempo na série Ms Marvel ¹

Daniel GAMBARO²

Maria Valeria Espinos GUERRA MARTINS³
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

Tendo como pressuposto que as séries da Marvel são construídas sob pilares temporais e atemporais, nos dedicamos a entender como a nostalgia pode lastrear as novas produções da MCU fase 4. Para isso, buscamos, em primeiro lugar, contextualizar a série Ms Marvel a partir da adaptação das HQs para a televisão. Em seguida, discorreremos sobre a nostalgia contemporânea, percebida através dos produtos de entretenimento que consumimos. Depois, passamos a desvelar as estratégias adotadas para construir o roteiro da série passando pela discussão de pautas relevantes na atualidade, numa espécie de busca por respostas para os problemas atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Ms Marvel, Nostalgia, Memória, Marvel.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Marvel tem escrito seu nome para além das HQs, através de produções cinematográficas e televisivas, atendendo ao segmento de fãs de super-heróis ou para um espectador do chamado “público médio”, aquele que não necessariamente tem um conhecimento prévio a respeito do que é visto nas telas de cinema, dando vida aos heróis que haviam sido criados nos quadrinhos nas décadas de 1960, transportando-os em um universo compartilhado coeso e plural, nas telas de cinema e TV. Seja em adaptações mais fiéis dos arcos consagrados nos quadrinhos, em histórias que sintetizam épocas diferentes e vários enredos de um mesmo personagem, ou na representação de heróis pouco conhecidos nos quadrinhos, a Marvel tem se valido da

¹ Trabalho apresentado NO GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências pelo PPG Meios e Processos Audiovisuais, Escola de Comunicação Artes e Docente do PPGCOM da Universidade Anhembi Morumbi, e-mail: d.gambaro@outlook.com

³ Doutoranda em Comunicação do Curso PPGCOM da Universidade Anhembi Morumbi, e-mail: valeria@valeriaguerra.com.br

memória emocional e do sentimento de nostalgia dos fãs, para obter sucesso em suas produções especialmente no decorrer da fase 4 da MCU.

Para demonstrarmos esta tentativa de resgate da memória emocional, apoiada em uma construção nostálgica, analisaremos a primeira temporada do seriado *Ms. Marvel*, disponível na plataforma de streaming Disney Plus, que ao mesmo tempo que introduz uma nova personagem, Kamala Khan. Cheia de novos simbolismos, a jovem heroína nos remete ao Homem Aranha, que trazem consigo os mesmos dilemas de um jovem herói. Neste sentido, a nostalgia nos guia através de laços identitários ou sensações de pertencimento que ainda restem entre as vulnerabilidades tão temidas de nossa era. A “nostalgia ativa” (FERRAZ, 2016) não cansa de se colocar como uma forma saudável de expressão da memória, capaz de mobilizar pessoas e grupos, potencializando práticas, discursos e afetos que operam, por exemplo, contra a opressão de determinadas memórias e versões legitimadas do passado.

Durante a série de TV *Ms. Marvel*, a roteirista Bisha K. Ali trabalhou com referências dos quadrinhos e com os filmes americanos inspirados em narrativas do ensino médio, usando de filmes como *10 Things I Hate About You* (1999), *Lady Bird* (2017) e *Booksmart* (2019), e *Spider-Man: Homecoming* (2017), resgatando diversos elementos nostálgicos à série.

É importante ressaltar que assim como nos HQs, a série televisiva traz um elenco multicultural, além da presença da roteirista Bisha K. Ali, é britânica-paquistanesa, de Meera Menon, responsável pela direção de dois episódios da série, de origem indiana-americana, Adil El Arbi e Bilall Fallah, dupla de diretores de cinema e televisão belgas com ascendência marroquina e Sharmeen Obaid-Chinoy, nascida no Paquistão.

O USO DA NOSTALGIA NA CULTURA POP

Para podermos adentrar a discussão sobre a nostalgia manifesta em *Ms. Marvel*, seriado lançado em 2022 pelo serviço de streaming Disney Plus, precisamos antes levar em conta o contexto mais amplo da cultura pop em que se insere este tipo de produção. Devemos entender, por cultura pop, o “conjunto de práticas experiências e produtos

norteados pela lógica midiática” (SOARES, 2014, p.2), isto é, ancorada nas indústrias criativas que dominam a produção cultural a partir do século 20. Não obstante sua fundação industrial, os produtos da cultura pop oferecem um certo senso de comunidade, podendo servir como âncora de referência de valores universais (JANOTTI JR., 2015), isto é, aqueles que operam no entrecruzamento entre as culturas popular local, nacional e globalizada (MARTEL, 2013). Em sua manifestação mais patente, percebe-se a formação de uma memória “internacional-popular”, capaz de oferecer sentido e “segurança” referencial na construção de identidades em um mundo em transformação contínua (ORTIZ, 2003). Ainda segundo Renato Ortiz, (2003), a formação de uma cultura pop, nesses termos, remete às indústrias culturais que, nos anos 1950, observam os jovens como fonte renovável de público e mercado. Não à toa, Kellner (2001) pode afirmar, na virada do milênio, que essa cultura midiática fornece modelos de reconhecimento e atua na construção de identidades.

É, neste ponto, que se insere o problema central da discussão: ambivalentemente fruto e consequência da alta modernidade, a produção do pop é demarcada por um “presenteísmo”, a exploração do cotidiano que valoriza a banalidade, o tempo a perder, o entretenimento (CASTRO, 2015). Baudrillard (1995) alertava para o aspecto cíclico da cultura nos meios de massa e de sua reciclagem: uma cultura que não é feita para durar, ao mesmo tempo em que é constantemente redescoberta. Reflete o aspecto mais patente desta época, como identificado por Bauman (2001) como “líquida”: a fluidez da experiência cotidiano, a inconstância (ou impermanência) de instituições, de produções culturais, daqueles elementos que originam nossa capacidade de “estar no mundo”. Essa alta modernidade, sempre em transição, ao operar no tempo presente precisa largamente de referências que ancorem seus sentidos: assim, é natural que as produções do pop lancem mão da recursividade, da citação e da paródia, conforme explicado por Hutcheon (1991) para ressignificar e representificar seus próprios códigos.

A força da nostalgia emana, portanto, do encontro dessas manifestações. Em sua definição de dicionário, o termo significa:

1 melancolia profunda causada pelo afastamento da terra natal

1.1 distúrbios comportamentais e/ou sintomas somáticos provocados pelo afastamento do país natal, do seio da família e pelo anseio extremo de a eles retornar

2 saudades de algo, de um estado, de uma forma de existência que se deixou de ter; desejo de voltar ao passado *⟨n. da vida adolescente⟩*

3 estado melancólico devido a aspirações, desejos nunca realizados *⟨n. de uma vida conjugal⟩*

4 estado de tristeza sem causa aparente. (NOSTALGIA, n.d.)

Ora, em um mundo em que as distâncias foram anuladas, não é a saudade de uma terra distante a causa da nostalgia. Segundo Niemeyer,

a nostalgia situa-se entre recordação e esquecimento, idealização e criatividade, é uma lembrança de tempos e lugares que não existem mais, não são mais acessíveis ou talvez nunca foram. A nostalgia também pode referir-se ao desejo de um retorno a um tempo passado que nunca foi experimentado pela pessoa que anseia ou pelo arrependimento que faltava por um passado que nunca ocorreu, mas que poderia ter ocorrido, ou por um futuro que nunca acontecerá. Assim, o sentimento nostálgico não é meramente voltado para um retorno a um lugar ou tempo passado, mas também abrange outras temporalidades, como o presente e o futuro, e está frequentemente relacionado a imaginações utópicas sociais ou políticas (NIEMEYER, 2018, p.30).

Para o jornalista Simon Reynolds (2011), a nostalgia é uma das grandes emoções do pop. Segundo o autor, a cultura pop sempre esteve permeada pelo seu próprio passado, que serve de “pontos de referência” para revisitas, *revivals*, relançamentos, *remakes* etc. Nos anos 2000, entretanto, o fenômeno parece ter se acentuado: a distância temporal entre o evento original e sua revisita diminuiu consideravelmente. Nunca a sociedade global parecera tão obcecada pelos artefatos culturais de seu passado imediato como agora, e essa é a característica básica do sentimento “retrô”: uma fascinação pela cultura que alimenta a memória viva.

Dada a relação do pop com a juventude, pode causar estranheza essa aproximação com o passado, mas Reynolds identifica que é justamente a característica presenteísta dessa cultura que, acelerando seu envelhecimento, torna-o datado e, portanto, plausível de recuperação. Do ponto de vista da indústria tal fenômeno representa uma vantagem: a renovação do testado-e-aprovado, garantia de audiência e lucro com o culto ao passado (CASTELLANO. MEIMARIDIS, 2017). Daí à valorização da nostalgia é um pequeno salto, especialmente porque a nostalgia também se forma em referência ao passado imediato, que não foi necessariamente vivido pelo grupo ou indivíduo, mas que pode ser recuperado pelas gravações, arquivos e outros objetos que permitem a reapresentação do original. Essa é, segundo Reynolds, a principal peculiaridade da cultura “retrô”.

É preciso, ainda, considerar que o contexto também favorece a construção do sentimento nostálgico: a velocidade das transformações econômicas, tecnológicas e socioculturais na contemporaneidade, à exemplo da crítica apresentada por Bauman (2001) e tantos outros, torna enormes as diferenças entre o mundo da infância e da idade adulta. Ao revisar a literatura sobre o tema, Niemeyer (2018) destaca que os objetos de

mídia podem servir como “curativos” para aliviar os sintomas da nostalgia, ao promover uma sensação de pertencimento, eficaz especialmente em momentos de transição com os que estamos vivendo globalmente. Quando Reynolds escreveu seu livro, no início da década passada, desenhava-se um momento de desencanto com o mundo que ocupa a última década. A sociedade global já sentia, então, o acumulado reflexo do pós-modernismo, da efemeridade que lhe é característica, enfatizados pelos efeitos da globalização econômica e cultural e da midiaticização extrema da vida. Há um “cansaço” econômico e político que está na base das rupturas sociais que vivemos nos últimos 10 anos: a quebra da confiança nos agentes políticos, a perda de legitimidade de instituições, crises econômicas e ecológicas e, por fim, perda da esperança (CASTELLS, 2018)⁴. Emerge, portanto, um desejo pela “sensação de estabilidade e pertencimento, possibilitada, por um lado, pela familiaridade com determinados universos ficcionais e, por outro, pela memória afetiva trazida pela fruição” (CASTELLANO. MEIMARIDIS, 2017, p.70)

Há, claro, um perigo latente nas construções nostálgicas na mídia: se a nostalgia permite “confrontar a irreversibilidade do tempo, nossa finitude”, permite que “os seres humanos se (re-)conectem uns com os outros”, abre portas para o abuso político e comercial, pois “a noção da nostalgia como um profundo sentimento de perda e, por vezes, de alegria é facilmente explorável” (NIEMEYER, 2018, p.39-40).

Levando em conta essas considerações, podemos perceber que a série Ms. Marvel, opera nessa ambivalência: de um lado, oferece modos para que seus produtores (a Disney e a Marvel Studios) atualizem seu conjunto cinematográfico à partir de acréscimos e releituras do passado imediato – essencialmente aquele demarcado pelo Universo Cinematográfico da Marvel, inaugurado em 2008 com o primeiro filme do Homem de Ferro. Por outro lado, como demonstraremos a partir das análises, é a partir do sentimento de nostalgia que outros discursos contemporâneos se tornam evidentes na série.

Partimos do pressuposto, junto com Leal, Borges e Lage (2018, p.48), que a nostalgia é “elemento importante da vida contemporânea”, fruto da nossa dificuldade em projetar futuros e, assim, estendermos o passado em um amplo presente. Ao assumir que a nostalgia é parte da experiência cotidiana, “é possível diferenciar uma estratégia de produção e de apresentação de certos produtos midiáticos, ou seja, um modo de ganhar e

⁴ Sobre esse tema, recomendamos os ótimos livros “A sociedade do cansaço”, de Byung-Chul Han (2015), escrito originalmente em 2010, e Ruptura, de Manuel Castells (2018).

garantir consumo e audiências, dos recursos narrativos, em que a nostalgia dá o sentido ao mundo possível organizado numa dada história” (LEAL; BORGES; LAGE, 2018, p.48).

A mídia, como afirmam Lean, Borges e Lage (2018, p.50), faz circular “narrativas capazes de conectar pessoas de diferentes gerações, lugares e classes sociais”. A “instrumentalização da nostalgia”, no modelo atualmente ativado pelos serviços de streaming, permitem a “retomada da audiência” que, ao invés de buscar algo efetivamente novo, reconforta-se nas continuidades (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2017). Mas como opera o reconhecimento da obra do passado, quando não se trata de um *remake* ou um relançamento? Tal resposta requer a análise das obras, em busca dos elementos ditos nostalgizantes, isto é, que alimentam o sentimento de nostalgia.

Ao destacar os cenários, os objetos, os figurinos, a iluminação e até mesmo a *mise-en-scène* como ferramentas para a construção dos signos e direcionamento de olhar do espectador, utilizamos esses elementos como parte da análise. Tais elementos são capazes de ampliar e potencializar os gatilhos nostálgicos planejados pelo design de produção e fazem parte da criação identitária das personagens e de seu desenvolvimento, tornando-se importantes na peça audiovisual seriada. (MEDEIROS; TELLES; VIEIRA, 2020, p. 204)

É precisamente nesse viés que opera a nostalgia presente em *Ms. Marvel*. Trata-se de uma série que se passa na atualidade, inserida no universo da franquia *Vingadores*: a personagem principal, Kamala Khan, vive no mundo após a guerra com Thanos que marcou o fim da saga nos cinemas, em 2019. Entretanto, como demonstraremos na próxima seção, a série articula tanto cruzamentos com outras linhas narrativas que ocorrem ao mesmo tempo (como a atual franquia do Homem-Aranha), como aciona elementos nostálgicos ao reviver o início da saga no cinema e, mais importante que isso, traz códigos que remetem ao passado da Marvel, originado nos quadrinhos ao longo de décadas.

Ms. Marvel – uma volta ao túnel do tempo e a sensação da Nostalgia

Iniciamos a discussão tomando como base nossa percepção dos recorrentes elementos de gatilhos nostálgicos em produções recentes da Marvel, durante a fase 4 da MCU e procuramos problematizar suas intenções. Na série *Ms. Marvel*, a história se passa na contemporaneidade, utilizando diversos recursos se configuram como gatilhos nostálgicos dentro de uma leitura interpretativa dos elementos imagéticos. Para a

realização das análises relativas à série, nos concentramos nos elementos nostálgicos da série, representados pela linguagem audiovisual, mostradas sob a forma de *easter eggs* em cada um dos episódios, bem como um looping temporal, datado de 1947 quando ocorre a Partição da Índia, onde a personagem principal conhecerá parte de seu passado.

Ms Marvel localiza-se na fase 4 da MCU, inspirada nas HQs, foi criada em 2013 pela editora Marvel Comics. A vinheta de abertura do episódio 1 e do trailer da série apresenta a música: *Blinding lights from the 80s*, do grupo *The Weeknd* de 2019, que nos remete aos anos 1980, com seus toques estilísticos que nos lembram aos *hits* como *Young Turks*, de *Rod Stewart*, ou *Self Control*, de Laura Branigan. Um dos instrumentos dominantes em *Blinding Lights* é o sintetizador, usado na melodia principal. Este tipo de instrumento é considerado um arquetípico dos anos 1980 e que pode visto em alguns vídeos do grupo *The Weeknd*. Tal sentimento nostálgico nos remete ao próprio significado da palavra: “saudades de algo, de um estado, de uma forma de existência que se deixou de ter; desejo de voltar ao passado”. Cruz e Ferraz (2018), explica que a nostalgia não depende de uma ideia específica de passado, mas designa tudo aquilo que foi culturalmente reciclado e/ou atrai um mercado onde o que aconteceu no passado é um valor.

Kamala Kham é uma adolescente de 16 anos de origem paquistanesa americana, que vive com os pais e o irmão na cidade de Jersey. Ela é fã dos Vingadores, segue as aventuras do grupo de heróis, tem pôster deles no quarto, umas camisetas do Homem de Ferro, Capitão America. A jovem gosta de videogames e escreve *fanfictions*⁵, sobre a Capitã Marvel, sua inspiração para se tornar uma heroína, que quase derrotou Thanos durante os eventos de Vingadores: Ultimato (2019). Assim como Peter Parker, (Homem Aranha), Kamala Klan vive os conflitos da juventude, os detalhes da sala do professor nos remetem a uma atmosfera de escola dos anos 1980, embora possua elementos dos anos 2022.

Tanto nas HQs, quanto na série televisiva, Ms. Marvel é uma narrativa que fala sobre a passagem da adolescência para a vida adulta, sendo contada através das lentes e da experiência de uma jovem e sua imaginação. Um pouco diferente de Peter Parker, na série, o mundo de Kamala Khan é "naturalmente colorido", e dialoga com o lugar que a trama se passa Jersey City, que é conhecido como um lugar vibrante e multicultural. Considerando o cenário mundial contemporâneo, tanto no Ocidente como no Oriente, nos oferece uma enorme quantidade de exemplos de entrelaçamentos entre aspectos

⁵ *Fanfictions* - que significa literalmente “ficção de fã”, em livre tradução. O termo foi criado para designar uma tendência que surgiu no final da década de 1960 e se popularizou com o advento da Internet

socioculturais, geográficos, religiosos, políticos e econômicos, cujo elo é justamente a ode a um passado idealizado (Cruz e Ferraz, pág. 7, 2018).

O episódio de estreia trás referências a todos os tipos de heróis da Marvel, desde o Capitão América à Viúva Negra. Durante o episódio 1, Kamala encontra a pulseira de sua avó, algo que o MCU está usando para dar poderes a personagem em vez da Névoa Terrígena que a tornou uma Inumana nos quadrinhos. Desde o início, percebemos a preocupação da Marvel em mostrar os laços afetivos desenvolvidos pela jovem heroína com os Vingadores e em especial com a Capitã Marvel e com a sua família. O novo e antigo se misturam de forma sutil, ao exaltar memórias vividas no passado da família da personagem, remetendo o sentimento nostálgico do telespectador. Niemeyer (2018, p. 29), nos explica sobre deste sentimento: “também pode referir-se ao desejo de um retorno a um tempo passado que nunca foi experimentado”. Sendo assim, essa sensação não está restrita àqueles que vivenciaram os fatos lembrados, podendo ser percebida também entre os expectadores mais jovens.

As relações pessoais e familiares de Kamala compõe o tecido emocional da trama, o que pode ser observado em outros grandes heróis da cultura pop, como o Homem Aranha. A heroína depende da ajuda dos amigos Bruno, Nakia e Zoe, que protegem a identidade secreta de Kamala, acobertam seus “sumiços”. No início da história, a personagem principal sente a necessidade de precisar esconder a sua nova identidade da família, contrasta com os princípios religiosos muçulmanos. Percebemos o dilema da jovem, que luta para se inserir dentro dos padrões da cultura estadunidense, sem abandonar todas as suas convicções e tradições. Junto com seus melhores amigos e família, frequenta a mesquita semanalmente e usa roupas e adereços comuns dentro desta religião, apresentando assim um pouco mais da cultura muçulmana para o público da série.

Com a frase “não é algo que você é, é algo que você faz”, Kamala, se conecta às origens muçulmanas, funcionando como uma versão da personagem para a famosa “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”, de Peter Parker. Assim como o mantra do Homem-Aranha, a fala de Ms. Marvel é um dos grandes pilares de suas convicções sobre o que significa ser um super-herói. É possível que um dos aspectos mais cativante da nostalgia resida na riqueza de facetas que esta noção generosamente é capaz de apresentar ao cruzar, tocar ou tangenciar questões humanas de diversas naturezas. (Cruz, Ferraz, 2018).

No episódio 1: *Generation Why*, vemos Kamala abrir uma caixa enviada por sua avó, onde está o bracelete, recuperado por sua bisavó na época da Partição, referência histórica sobre a invasão da Índia e criação do Paquistão. A jovem leva a pulseira para a convenção, com a intenção de usá-la como parte de seu *cosplay* de Capitã Marvel. Nesta convenção: *AvergersComs*, observava-se diversas referências aos Vingadores, reproduzidos durante o evento incluindo o monumento criado em homenagem a morte da Viúva Negra e muitas referências dos personagens Homem Formiga e Vespa, sugerindo que herói virou uma espécie de celebridade através de histórias contadas no seu podcast *Big me Little Me – a Scott Lang Interview*. De certa forma, precisamos concordar com Niemeyer (2018) quando diz que a, ainda é necessário trabalhar mais no lado da produção da nostalgia na mídia, porque implica uma nostalgia a priori dos potenciais consumidores, mas também das próprias indústrias e instituições, o que parece ser o caso na produção desta série.

No quarto episódio da série, Kamala Khan (Iman Vellani) e sua mãe Muneeba (Zenobia Shroff) voam para o Paquistão para uma reunião de família há muito esperada, o que leva a uma experiência esclarecedora sobre os Khans e para o público. Esta narrativa envolve a mitologia da construção do mundo ao lado de uma exploração de eventos históricos que causaram uma ruptura na realidade. Ao mesmo tempo que a história captura o estado tenso da adolescente quando ela conhece Karachi, a cidade que seus pais deixaram décadas antes. Na casa da família as três gerações mostram que tem problemas não resolvidos, que aumentam o peso emocional do episódio.

Em uma conversa entre mãe e filha, os comentários sobre o passado rebelde de Muneeba, mãe de Kamala, demonstram a semelhança de comportamento entre mãe e filha. Seu relacionamento com Sana, avó de Kamala, é particularmente revelador à medida que anos de animosidade se espalham enquanto Muneeba arruma a casa de sua mãe de toda a desordem. O pai da Kamala, Ahmed é igualmente poderoso em uma cena detalhando porque Muneeba queria se mudar para os EUA – e porque ela agora quer se reconectar. É interessante que Sana não seja retratada como uma anciã onisciente e sábia com todas as respostas. Em vez disso, ela pinta um retrato (literalmente) da herança destruída de sua família e como a mudança para os EUA fragmentou ainda mais esse conceito de lar e identidade. Mais tarde, ela fala sobre os eventos da Partição sobre sua identidade destruída e como ela ainda está tentando descobrir quem ela é depois de todo esse tempo: “as fronteiras definem os limites de um país, mas não é tão claro para os cidadãos de ambos os lados da linha”, define a avó de Kamala. “Há uma fronteira marcada

com sangue e dor. As pessoas estão reivindicando sua identidade com base em uma ideia que um velho inglês teve quando estava fugindo do país”, diz Sana a Kamala. É neste espaço frenético que sensações e afetos foram desencadeados, sinalizando que o sentimento nostálgico se estabeleceu de forma mais eficaz na série do MCU no Disney Plus. Neste sentido, podemos dizer que a atmosfera emocional deu o tom à representação, “atribuindo-lhe propriedades, qualidades e intensidades” (MARTINS, 2017, p. 88).

No episódio 5 - *Time and Again*, mostra Kamala lutando com o passado enquanto enfrenta os desafios de sua comunidade no presente. O penúltimo capítulo da temporada é emocional e revela a verdade por trás de uma história familiar mítica enquanto se recusa a passar por cima da dor da Partição da Índia em 1947. A produção, teve o cuidado de retroceder o tempo cinco anos antes desse evento para revelar os horrores que ocorreram enquanto os britânicos realizavam essa transição “pacífica” de poder – estima-se que entre um e dois milhões de pessoas morreram como resultado. Em vez de usar esse resultado brutal da colonização como pano de fundo para referenciar e seguir em frente, a Ms. Marvel trabalha durante as cenas de flashback. O episódio abre com o logotipo da Marvel em transição para combinar com os tons sépia de um noticiário que detalha a Partição e o que isso significava para os muçulmanos indianos na época, e instantaneamente define a cena sem dizer uma palavra. A sequência seguinte mostra a rica vibração da paisagem onde se destacadas por cores fortes das rosas de Hasan enfatizando a beleza de sua casa. Essas flores atraíram Aisha para este local e, portanto, são parcialmente responsáveis pela química entre o casal, que é aparente em sua primeira interação. Para Niemeyer (2018), o acúmulo e o aumento da disponibilidade de imagens, textos e sons do passado são uma das razões que podem amplificar e desencadear a nostalgia.

A cor perde a saturação na estação de trem quando Aisha, Hasan e sua filha Sana (Zion Usman) estão tentando pegar o último trem. A diretora Sharmeen Obaid-Chinoy aumentou a intensidade desses momentos, empurrando a câmera ainda mais para a massa de pessoas e enfatizando a perspectiva de uma criança - Sana. São aproximadamente 15 minutos até que avistamos o tênis *converse* vermelho de Kamala entrar em cena. Durante este tempo, a narrativa mostrar os laços da história de amor e a dor da separação entre os Khan. Como espectadores, vimos essa família florescer, fato que adiciona um peso extra é ao momento em que Aisha (bisavó de Kamala) morre, pensando que sua filha

Sana voltou para ela. Não foi Aisha que garantiu que sua filha entrasse no trem, mas Kamala, que fez o rastro da luz das estrelas criado por Kamala guiando o caminho da avó ao encontro com seu pai. As voltas temporais na narrativa e o uso da pulseira mística pela criança Sana contribuem com a ideia de que os poderes percorrem as gerações. Aqui, a nostalgia aqui parece operar na recuperação de uma identidade compartilhada entre as pessoas que habitaram aquele lugar que, hoje, tornou-se zona proibida. Elas eram as pessoas daquele povoado (na qual a própria sobrevivente se inclui).

O papel que o passado desempenha na narrativa, e a viagem a Karachi aprofundam o vínculo de Kamala com sua bisavó enquanto ajuda sua autodescoberta. Da mesma forma, uma conversa com seu pai também destaca o quão longe eles chegaram desde que ela rejeitou as fantasias caseiras de Yusuf (Mohan Kapur). Em outro diálogo, destaca-se a conversa sobre identidade; sua mãe deu-lhe o traje que ela usa e seu pai lhe dá o significado por trás de seu nome. Alguns desses diálogos são retirados diretamente do primeiro quadrinho da Ms. Marvel (que compartilha o mesmo nome do final da temporada), mas a reflexão de que significa “Marvel” em urdu é nova. Parece seguro dizer que o passado que retorna a partir de uma “memória vivida”, e não de uma memória formada por narrativas da mídia (Huyssen 2014).

MS. MARVEL – REPERCUSSÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS E REAÇÃO DO PÚBLICO

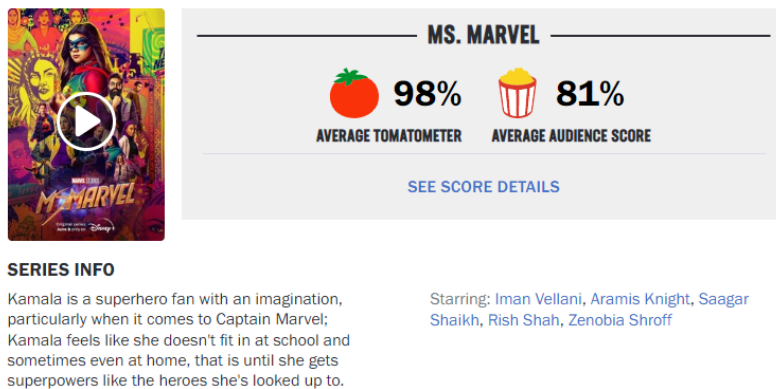
Como em qualquer adaptação, alguns fãs ficaram descontentes com as mudanças no material de origem (particularmente como Kamala obtém seus poderes) em especial como a Marvel Studios tomou algumas “liberdades na adaptação dos poderes de Kamala”, embora tais mudanças dialoguem melhor na transposição desta HQs para a tela, uma vez que os antigos poderes de Kamala funcionavam melhor nos quadrinhos, enquanto esses novos poderes funcionam melhor visualmente para a tela. A origem de Kamala também desapontou a crítica, fazendo que com a roteirista, tenha sido obrigada a explicar os motivos das aparentes mudanças, para o site Variety.⁶

⁶ Ver mais em <https://variety.com/2022/tv/news/ms-marvel-finale-kamala-khan-mutants-captain-marvel-1235316482/>

Segundo dados da SambaTV, Ms. Marvel foi a série líder no ibope estadunidense, entre as produções da Marvel dentro da métrica apresentada, computando os dados de jovens de 20 a 24 anos e em domicílios com moradores negros, latinos ou asiáticos geraram mais audiência. Segundo o site Metacritic e IMDb, Ms. Marvel também sofreu ataques de ódio durante a primeira semana, de forma intencional. Segundo analistas o objetivo desta ação, a tentativa de manipular as métricas classificando a série como péssima, dentro dos respectivos critérios aplicados. No site IMDb, em que pessoas registradas podem dar notas de 1 a 10 a qualquer série, prevalece o julgamento negativo puxando a nota média para baixo, que neste momento está em 6,1 (de 10). O discurso de ódio ficou evidenciado a essência da série, por ter uma protagonista muçulmana de origem paquistanesa se tornando heroína colada no universo dos Vingadores.

Ainda assim, segundo o site *Rotten Tomatoes*, a série Ms Marvel se posiciona com 98% de aceitação, e mantendo a posição pela 6ª. semana consecutiva como o status de mais bem avaliada do Universo Cinematográfico da Marvel, conforme observamos na figura 1 a seguir :

Figura 1 – Rotten Tomatoes – episódio 1 a 6



Fonte: – Rotten Tomatoes 07/07/2022

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A série de TV Ms. Marvel é uma construção estruturada em gatilhos e estratégias, evidenciada pelas relações entre os elementos da narrativa visual e o trabalho de diversas áreas criativas, como fotografia e som, que exploraram elementos característicos da cultura dos anos 1942, 2008 até os dias atuais, neste sentido nos interessou analisar como a nostalgia se expressa, explorando suas singularidades de ação. É importante atentar o

movimento duplo da série, que nos permite pensar o ponto de vista da narrativa fílmica (estratégias de construção e significação) e também sob a ótica do espectador, através das sensações trabalhadas pela atmosfera fílmica, discutidas anteriormente, bem como as ambiências criadas no contexto da intertextualidade, revelada através da presença *easter-eggs* como elementos chave para ampliar a compreensão das referências vindas das HQs e de outros arcos da Marvel; efeitos especiais narrativos referenciados no mundo digital, que obrigou o telespectador a aceitar novas regras de composição de significados – sejam literais ou figurativos e trouxeram a estética para o primeiro plano, auxiliando no processo de organização da narrativa; e por fim, os recursos de *Storytelling* com a linearidade, múltiplas perspectivas, flashbacks e sequências fantasiosas ou lúdicas, utilizadas nas linguagens audiovisuais que vão para além da estética televisiva.

Em cada episódio Ms. Marvel, coloca o drama familiar conectando três gerações que lidavam com conflitos internos e externos, ao mesmo tempo em que incorpora mitologia e história real na trama geral. Neste sentido temas relacionados à identidade e ao conceito de lar ressoam, assim como a reação de Kamala a Karachi. A narrativa de Ms Marvel explora os conflitos e desafios da heroína paquistanesa contemporaneidade, conforme expressado nas declarações do roteirista e produtor, Kevin Feige, bem como na sinopse da série.

No entanto, as ações nostalgizantes da série, ou seja, aquelas que têm como objetivo despertar o sentimento nostálgico buscaram diálogo com um outro público, que na nossa leitura pode ser formado por adultos. O sentimento nostálgico criado em relação a determinadas memórias, buscou compor certas experiências, que decantaram e mantiveram as lembranças afetivamente positivas, ainda que a impossibilidade de retorno pleno a essa experiência confira também uma dor e algum sentimento de perda. Ms. Marvel, tenta pacificar alguns períodos históricos como a Partição da Índia, a fim de gerar uma visão crítica do passado, mas também para denunciar as adversidades que ainda se mantêm no presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, J. **Sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Z. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- CASTELLANO, M; MEIMARIDIS, M. Produção televisiva e instrumentalização da nostalgia: o caso netflix. **Revista GEMInIS**, v. 8, n. 1, pp.60-86, jan-abr/2017.
Disponível em:
<https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/281>
- CASTELLS, M. **Ruptura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2018, versão Kindle.
- CASTRO, F. F. Cultura Pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, S. P.; CARREIRO, R.; FERRARAZ, R. **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 34-44.
- HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- HUTCHEON, L. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1991.
- JANOTTI JR., J. Cultura Pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, S. P.; CARREIRO, R.; FERRARAZ, R. **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 45-56.
- KELLNER, Douglas. **Cultura da Mídia**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001
- LEAL, B. S. ; BORGES, F.; LAGE, I. Experiências de nostalgia: de Stranger Things a Vozes de Tchernóbil, diferentes construções nostalgizantes. In: CRUZ, L. S.; FERRAZ, T. **Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2018, p. 47-66.
- MARTEL, F. **Mainstream: A guerra global das mídias e das culturas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. eBook Kindle.
- MEDEIROS, T.; TELLES, R.; VIEIRA, L. Construções nostalgizantes: os elementos nostálgicos presentes na narrativa visual de Euphoria (HBO, 2019). In: MUSSE, C. F.; MEDEIROS, T.; HENRIQUES, R. (org.). **Nostalgias e memórias nos tempos das mídias**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2020, p. 199-228.
- NIEMEYER, K. O poder da nostalgia. In: CRUZ, L. S.; FERRAZ, T. **Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2018, p. 29-46.

NOSTALGIA. *In*: **GRANDE Dicionário Houaiss**. S.i. UOL, n.d.. Disponível em:
<https://houaiss.uol.com.br/>

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

REYNOLDS. S. **Retromania: Pop culture's addiction to its own past**. Londres: Faber & Faber, 2011.

SOARES, T. Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop. **Logos: Comunicação e Universidade**. v.2, n.24; 2014. Disponível em:
<https://doi.org/10.12957/logos.2014.14155>